

Janete Frochtengarten  
Maria Aparecida Kfourri Aidar  
Elisa Maria de Ulhôa Cintra

# Da materialidade do psíquico

**P**ara homenagear Pierre Fédida, a sessão Debates convidou três psicanalistas para darem sua contribuição a partir de um pequeno trecho extraído de sua penúltima publicação *Par où commence le corps humain — retour sur la régression*<sup>1</sup>: um dos seus livros mais instigantes e corajosos.

Tornando sua a contribuição de escritores, filósofos, artistas plásticos e psicanalistas, Fédida, neste livro, nos apresenta um pensamento metapsicológico apurado sobre a questão da regressão na psicanálise. O conceito de regressão sofre uma desconstrução sem pender para uma visão psico-biologizante ou evolucionista característica dos estádios de fixação/regressão.

O aspecto regressivo do material psíquico é aí pensado tendo em vista as “mudanças intervindas graças ao manejo da transferência em pacientes que apresentam graves carências e perturbações profundas da personalidade”. É a solicitação de sua prática clínica e sua experiência com estes analisandos que o faz avançar

em novas modalidades de comunicação na transferência, e ele nos faz ver que cabe ao analista, através de sua imaginação e capacidade plástica, deixar-se transformar pelas manifestações da regressão. “O reconhecimento da regressão na análise depende — por assim dizer — da desistência e do estilbaçar do ego do analista”.

A plasticidade da língua poderá ser mobilizada apenas a partir das ressonâncias corporais do analista, o que nos permitirá avançar em tais análises e também em nosso pensar metapsicológico. O analista não deve

**Anna Maria Amaral** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Janete Frochtengarten** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Maria Aparecida Kfourri Aidar** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, professora e supervisora do curso “Psicanálise Teoria e Clínica”.

**Elisa Maria de Ulhôa Cintra** é psicanalista, com formação no Instituto Sedes Sapientiae, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP e Professora do curso Melanie Klein e Winnicott na Faculdade de Psicologia da PUC-SP.

*dispensar esta função restauradora da regressão este "aspecto alucinatório da transferência."*

O trecho destacado foi traduzido do capítulo III, "Du primitif" (p. 46):

*"O primitivo é inatual e não é de maneira alguma historicizável. Pelo contrário, o que essa inatualidade teria de particular é que ela tornaria distinta e intensamente perceptível a atualidade psíquica de todo acontecimento... Em poucas palavras: digamos que o primitivo exigiria o contato imediato com a materialidade da coisa e, para isto deveria se abster do recurso ao pensamento do processo. Pois não é próprio do pensamento se incumbir de respeitar o tempo do processo— como por concessão à subjetividade. Então ele se atrasa e, tomando muito tempo para pensar, ele embota a acuidade de sua intenção. A imposição do primitivo, gerador de uma espécie de angústia sagrada, é aquela do silêncio. E, por vezes, a intenção da interpretação aí chega em uma palavra. Então, deslizar o primitivo um "primitivo de origem" agudiza e reforça o psíquico em vista do que há de mais físico para o psíquico. Escutar a materialidade psíquica de toda palavra como se escuta um sonho, não deveria ser lembrado ainda uma vez, nos diz Freud em 1924, como aquilo de que o psicanalista não poderia abrir mão se ele se torna psicanalista com seu paciente?" (Anna Maria Amaral)*

**Janete Frochtengarten:** Não foi amor à primeira leitura. Foi, antes, um apelo forte e interrogativo. Flertamos. Aos poucos fui chegando e o fragmento do texto foi chegando em mim. Um tenso esforço de apreensão abriu-se em direção a uma calma receptividade. Fui me deixando levar por palavras e sensações. Deu-se uma expansão. O fragmento não era mais fragmento. Brinquei. Talvez tenha sido possível não "ignorar que o mundo é, pelo brincar, ao mesmo tempo fundado e desvelado, ocultado e trazi-

do à luz, explorado como ausência e reencontrado como presença" (Fédida, 1978). Eram vagas de associações e de evocações se formando e se intrometendo. Outros textos de Fedida, a forte saudade de sua fala em presença, a espera murchada de um jamais próximo encontro, e uma paciente, uma análise. A clínica se impôs, mesclada às intenções do que eu lia e re-lia; entre as linhas, a minha escuta, sensibilizada, ao longo de anos, por Fedida.

“

Somos  
enamorados  
do desconhecido,  
e a descoberta  
dele em cada  
tratamento  
nos desafia  
a cada  
momento.

”

"De que somos enamorados? De nós mesmos? Talvez. Acredito que somos enamorados do desconhecido, e a descoberta dele em cada tratamento nos desafia a cada momento. Somos enamorados deste desconhecido, do próprio tratamento, do desconhecido em nós mesmos..." (Fédida, 1988).

O desconhecido que mais nos põe em agudezas, o desconhecido que faísca na escuta: o primitivo.

Qual? Vamos aos "nãos", para bem discernir. Não o primitivo dos tempos que se foram. Não o primitivo de regressões narcísicas. Não o primitivo de regressões de percorridas configurações libidinais. E, sim, o inatual. O que é de sempre, a materialidade da coisa, as fontes sensoriais da palavra, a plena atualidade psíquica de todo acontecimento. O primitivo que pode vir a acontecer quando há na sala, de portas ritualisticamente fechadas a cada encontro, alguém que investe e alguém que investe o investimento. Enamoradamente.

"O primitivo é inatual e não é de maneira nenhuma historicizável".

Um colega do lugar onde ela trabalha a encaminha. Fantasmática, flutua até a cadeira. Um rosto pálido, delicado, um corpo elegante, nesta mulher de 26 anos. Não é bonita, apesar de sê-lo. A alma é pálida. Fala baixo, incompletamente. Suspenses, promessas, que não se cumprem. As palavras se dissipam, sem densidades. Parece que vai terminar a frase, mas não termina. Está deprimida. Falta de vontade para o dia-a-dia. Instala-se uma incolor monotonia, de sessão-a-sessão. Eu, em cuidados e em dúvidas. Mora só, tem poucos amigos, que vê e frequenta de raro-em-raro. Senta-se, cabeça baixa e, por vezes, lança em minha direção olhares rápidos, com certa vivacidade, como se roubasse, daquilo que vê, algo que guarda. O que será que vê? Não antes de sessões-e-sessões, ela diz: você me escuta mesmo. Ah! É isto, então? Vai guardando porçõeszinhas de vida que sorve de mim? De meu empenho, de minha presença concentradamente atenta?

A imposição do primitivo, gerador de uma espécie de angústia sagrada, é aquela do silêncio.

Um dia ela fala. Fala com mais fluência, mas, também, com maior economia de voz. Fala entre simultâneos e furtivos flashes de prazer que a iluminam quando (e quantas vezes eu o faço!) eu lhe peço para

repetir o que dissera. E conta que saíra da sessão anterior e que, do rádio indiferenciado do carro, ligado, como sempre, automaticamente, ouviu uma música. Que muito chorara. E chora ao me falar. O corpo ganha movimentos, sai um tanto da camada rarefeita que o cobre. Poreja. A sala, que no dia-a-dia, fica com jeito-de-coisa-alguma, ganha texturas nostálgicas. Entre soluços, gemidos, consigo ouvir: não sei, não sei, emociona... é o Luar do Sertão.

Em intensa surpresa, quieta, respiro leve, mal me movo. Silêncio. Silêncio de pudor, silêncio de silêncio, silêncio muito além de ausência de palavras, silêncio do qual eu nem saberia como sair, silêncio de ficar silêncio, sabendo-me, assim, estar lá, como jamais estivera.

"Não uma fala que se cala... mas silêncio que se encontra sob ela. Silêncio também que ronda a palavra... o silêncio é o tempo implicado da fala" (Fédida, 1999).

Apenas digo, antes de ela ir-se da sala (e talvez nem precisasse ter dito), que eu a escutava. Na sessão seguinte e nas seguintes e seguintes – pouco-a-pouco – fala da mãe, mãe que desaparecia da casa muitas vezes, mãe que ficava dias-e-dias em algum lugar, que, bem depois, ela vem a saber, era um hospital psiquiátrico. Dias-e-dias. Por vezes vinha uma vizinha, por vezes vinha alguma outra pessoa que, neutramente, se encarregava, do cotidiano doméstico. O pai, na volta do trabalho, perambulava pela casa, sem ver, sem vê-la. Vez por outra, o pai cantarolava. E era muito gostoso ouvir. A música, aquela música, o Luar do sertão. Sons. Libido de música sem palavras. "O que há de mais físico para o psíquico."

O pai nascera em outra cidade e, desde sempre, olhava para lá, para onde tinham ficado as paragens afetivas no mapa de sua vida. Lá era bom. Lá ele era jovem. Lá ele tinha sido alegre.

Dei um tempo para esta música permanecer apenas canto. Curioso

da letra, eu me continha. Escrúpulos: a letra não fizera sua entrada na sessão. "Digamos que o primitivo exigiria o contato com o imediato da materialidade da coisa... Muito tempo para pensar embota a acuidade...". Será só isto que me detinha? Com certeza, não. É que a música havia penetrado camadas, fazendo enredos mudos em minha história. Tempo ao tempo, e fui. Fui em busca da letra. Longa letra nesta toada, muitas estrofes,

“

Escutar  
cada palavra  
como se  
escuta um  
sonho, pois  
os restos  
diurnos são  
“restos  
diurnos  
da língua”.

”

escandidas pelo refrão, que era, até então, só o que eu conhecia. Passando os olhos, uma delas me segura: "Coisa mais bela neste mundo não existe / Do que ouvir um galo triste, no sertão se faz luar / Parece até que a alma da lua é que descanta, / escondida na garganta desse galo, a soluçar". E o refrão marcando, marcando, que "não há, oh gente, oh não, luar como este do sertão".

Um som/luar nestes agrestes. Luz/som que transporta para terras menos áridas. Por lá, mas, também por aqui, Eros dá seus passeios.

Ainda estamos na sala, eu e ela. Fecho a porta. Recolho-me. Afasto-me dos ruídos do texto. Tentarei voltar a escutar a materialidade psíquica como se escuta um sonho.

#### **Maria Aparecida Kfoury Aidar:**

O texto de Fédida mobilizou, à primeira leitura, um estranhamento ante a materialidade da coisa viva ou do primitivo. Nas leituras seguintes, passado o espanto, o pensamento sobre a clínica se impôs, mais precisamente sobre o método e a técnica decorrente dele e sobre a disciplina do método, para que o analista possa exercer sua liberdade de pensamento. Mas o que significa, para a psicanálise, pensar, associar, escutar?

Escutar cada palavra como se escuta um sonho, pois os restos diurnos são "restos diurnos da língua". Ao tomar a linguagem paradigmática do sonho como referência, o analista potencializa as origens, remete-se ao que não se ultrapassa, ao que não tem tempo. Talvez seja isso o mais universal em Freud, e é a garantia de vida para a psicanálise, de sua existência na cultura.

Fédida retoma e expande o conceito de regressão, reconhece aí a paternidade dessa coisa louca que é mergulhar no estranho, ainda mais se este pode nos remeter à ancestralidade, ao arcaico, a nossas marcas específicas. A regressão põe em funcionamento o que foi inscrito e a situação analítica solicita a inquietante estranheza do humano nomeada pelo primitivo, cuja manifestação é, ao mesmo tempo, material da coisa e do psíquico. Umbigo do sonho? O primitivo – ou o que há de mais físico no psíquico – seria inscrição no inconsciente não-recalcado? Sabemos que está referido à a-temporalidade e a uma condição regressiva da escuta para que o analista tenha acesso à primitividade da

forma viva. Para Freud, o psiquismo primitivo, no sentido pleno, é imorredouro e os estados primitivos podem sempre voltar a se instaurar.

A escuta analítica do inconsciente tem que sonhar – mesmo em momentos de trabalho de fortalecimento do eu para abrir a associação livre – ou corre o risco de cair num modelo de relação interpessoal e de comunicação. E o sonho é linguagem que não tem por meta comunicar. Os momentos críticos do analista são de desestabilização da atenção flutuante, e é um desafio manter-se aí, entregar-se à associação livre do paciente, decompor e recompor palavras e sentidos, escutar sonhando, abandonar e ser abandonado pelas referências, por nossos mestres, pela teoria; sentir-se perdido, sem eira, nem beira, mergulhado na estranheza, no silêncio, e daí emergir a interpretação. Para tanto, há que ser paciente, persistir, não se importar com o tempo. Freud, na “Psicoterapia da histeria” (1885), referindo-se ao trabalho psíquico do analista, chamou de insistência a força psíquica que devemos exercer contra a resistência.

Para Fédida, a capacidade de mobilidade psíquica do analista encontra-se no terreno da linguagem. “A mobilidade é a solicitação sensorial das palavras quando estas conservam, no interior da língua, uma capacidade de recepção do mundo exterior, de seu agir, na relação com o mundo exterior” (1992, p.30). Nem sempre, a condição de analista permite usufruir a língua e as palavras em suas sensações e movimentos. O paciente é inteiramente sensível ao silêncio do analista, que tanto pode ser de resistência, compacto, sem palavras ou com palavras cristalizadas, quanto um silêncio que possua mobilidade, em que as palavras fluem e a atenção permanece flutuante.

Mas afinal, para que servem as palavras? Elas são portadoras do primitivo, diz Fédida, e essa inscrição não desaparece, já que é inscri-

ção, ainda que o desenvolvimento da civilização atribuiu às palavras a função de comunicação. Segue dizendo que há que aproveitar as possibilidades metafóricas da língua, à maneira de Francis Ponge – que teve Nietzsche e Freud como referências – através de sua poesia, ao usar as palavras como retorno à própria coisa e explorar intensamente seu alcance. Diz Ponge sobre elas: “Atualmente lhes sou reconhecido: elas me enganam e, portanto, me

“

Formas de  
expressão  
que usam a  
metáfora e a  
ficção como  
modelo  
são fontes  
de inspiração  
para o  
analista  
sonhar.

”

descobrem” (1942/2000, p. 39). Trata-se da magia das palavras, termo usado por Freud ao falar do tratamento psíquico.

Podemos aproveitar também, a generosidade metafórica da cultura, de várias áreas de conhecimento nas quais a psicanálise pode se inspirar para alargar seus horizontes. É o que Fédida faz ao trabalhar o conceito de regressão em Freud, a partir da transformação da arte

ocidental com a introdução da escultura primitiva africana, pelos cubistas. A literatura, as artes, o folclore, a mitologia, o cinema – entre outras formas de expressão que usam a metáfora e a ficção como modelo – são fontes de inspiração para o analista sonhar. Por uma questão de preferências pessoais, detenho-me um pouco sobre a mitologia e o cinema, considerando sua alta intensidade figurativa.

O mito, para J.P.Vernant, se constrói sobre o nada, pois foi sobre à pergunta “o que havia quando não havia nada?” que os gregos responderam com histórias e mitos. A mitologia é portadora do primitivo, é o relato oral, de geração para geração, na vida cotidiana. Esse relato é o que mantém o mito vivo, em constante movimento, fora de qualquer ensino oficial, formando uma bagagem de comportamentos e saberes. E a mitologia de um determinado povo só será conhecida comparativamente a outras mitologias, pertencentes a culturas e épocas muito diferentes, levando-se em conta suas diferenças e o que têm em comum e prova seu parentesco. Diz Vernant, sobre o estatuto do mito: “Ele se apresenta como um relato vindo do fim dos tempos e que já existiria antes que um contador qualquer iniciasse sua narração. Nesse sentido, o relato mítico não resulta da invenção individual nem da fantasia criadora, mas da transmissão e da memória. (...) Memória, oralidade, tradição: são essas as condições de existência e sobrevivência do mito” (2000, p. 12). O relato mítico é polissêmico, não se fixa numa forma definitiva, comporta variantes e versões múltiplas, que dependem do narrador e das circunstâncias. Assim, podemos fazer uso dessa concepção do mito e da mitologia como afirmação do primitivo, da representação, da espiral da memória e da transmissão, da repetição – em versões diferentes –, da tradição oral, de relatos universais e singulares ao mesmo tempo – todos temas que

diretamente remetem ao pensamento e à prática da psicanálise.

Para terminar, algumas considerações sobre o cinema. A primeira coisa em que pensei foi no lapso – quase universal – que fazemos, ou escutamos, ao chamar o sonho de filme. O cinema (ou um certo cinema) faz sonhar, tem alta capacidade de mobilização, vai e volta no tempo, constrói e desconstrói, toca o inconsciente. Enfim, é o “divã do pobre”, na acepção provocativa de Guattari. Poderíamos afirmar que é a expressão cultural e artística mais próxima da linguagem do sonho? A tela grande, cara a cara, remete-nos ao “primeiro plano”, ou à frontalidade radical do sonho. E o anonimato, no escuro da sala de projeção induz ao devaneio.

Há muitos cineastas que se aproximam ou tangenciam o inconsciente e sua figurabilidade. Buñuel em sua autobiografia, referindo-se à memória, ao esquecimento e ao processo criativo, diz que o inconsciente trabalha incansavelmente na obscuridade, que a memória é permanentemente invadida pela imaginação e pelo devaneio e que existe uma tentação de acreditar no imaginário, o que transforma as mentiras em verdades, e aí teremos um argumento, um roteiro, um filme.

Tanto quanto possa, o psicanalista deve expandir seu conhecimento e sua escuta com as coisas da cultura, usufruir, buscar inspiração, virar do avesso, pois “o pão deve ser em nossa boca menos objeto de respeito do que de consumo”. (Francis Ponge, 1942/2000, p.77).

#### **Elisa Maria de Ulhôa Cintra:**

Ao receber o convite da *Percurso* para comentar as palavras de Pierre Fédida lembrei-me, com saudade, de sua presença vitalizante nos seminários clínicos e de duas longas resenhas feitas por mim a partir de seus textos publicados no Brasil. Para escrever as resenhas, descobri que era preciso ouvi-lo e deixar soar longamente o eco de

suas palavras, entrelaçando-se, de forma onírica, às vozes de pacientes, escritores, poetas, e aos demais vestígios diurnos. Era preciso também brincar com a plasticidade das formas em movimento, como fizeram pintores e fotógrafos interessados em deformar e recriar as imagens mais convencionais. Desta vez, não foi diferente: deixei-me habitar por estas vozes que foram se entrelaçando, fazendo-se minhas de maneira imperceptível, silêncio-

“

**D**eixem-se  
dissolver, tornem-se  
abertos, porosos,  
ao que se passa  
no campo  
da transferência –  
como algo  
extraordinariamente  
físico.

”

sa, involuntária... Peço licença (poética) para não citar todas estas proveniências, com uma exceção: a de Procura da Poesia, o poema que mais me ajudou, de Carlos Drummond de Andrade<sup>2</sup>, com seu poder de palavra e seu poder de silêncio.

Fédida aponta que “é preciso escutar a materialidade psíquica de toda palavra, como se escuta um sonho”. O que é, afinal, esta mate-

rialidade psíquica? Como procurar este estado físico, concreto, da palavra?

O poeta, em busca da poesia afirma na voz imperativa:

“Penetra surdamente no reino das palavras”.

Como é possível isto, escutar melhor, fazendo-se surdo, ver melhor, se fazendo cego?

Deixemos descansar, por enquanto, todos os enigmas. Ouçamos mais uma vez a voz do psicanalista: “Escutar a materialidade psíquica de toda palavra como se escuta um sonho, não deveria ser lembrado ainda uma vez, nos diz Freud em 1924, como aquilo de que o psicanalista não poderia abrir mão se ele se torna psicanalista com seu paciente?”. Eu me recordo de, em um seminário clínico, ouvir Pierre Fédida sugerir que (enquanto analistas) abríssimos em nós um vazio: “Que pudéssemos tornar o próprio corpo ausente, um espaço potencial, aberto a todas as virtualidades ópticas, às experiências possíveis de alteração da forma” (Fédida, comunicação pessoal). Deixem dissolver-se em vocês as formas habituais da percepção e deixem-se moldar em formas inusitadas e estranhas. Deixem desaparecer as fronteiras tornadas nítidas demais pelo apego às crenças mais sagradas, incluindo as teorias que lhes são mais caras: é a perturbadora experiência de uma anamorfose que exige tolerar a instabilidade, a ignorância e a transitoriedade de tudo. Acho que é preciso tornar-se surdo, abrir mão das idéias, para escutar melhor.

Deixem-se dissolver, tornem-se abertos, porosos, ao que se passa no campo da transferência – como algo extraordinariamente físico.

Penso que Fédida estava se referindo ao analista que aceita permanecer em contato com os aspectos mais estranhos e não imediatamente compreensíveis do que diz o paciente quando relata um sonho ou quando se vê mergulha-

do em um mundo de sensações e sentimentos enigmáticos, difíceis de explicar e nomear, provenientes de seus mais primitivos recantos da experiência de estar vivo e sentir algo. Primitivos?

Será que havia um caos primitivo antes de formar-se a linha do tempo histórico? Mundo de sensações e significados cutâneos, melódicos, subterrâneos? Aromas, sonoridades táteis, ásperas, aveludadas, lisas? Ritmo, batimentos, afeto? Sangue, sede, choros, pulsação? Fomes, ruídos, abandonos, vozes novamente? Estranho idioma primordial, gutural, sussurrante? Ou um primitivo que coexiste com o histórico, que está lá, desde sempre?

Junto aos demais artistas e autores que investigaram o potencial erótico e monstruoso e o enigma do corpo com seus orifícios, Fédida ensina a resgatar a idéia de uma carne sensual do psíquico com suas formas em movimento, tornando-se outras e ainda outras. Totalmente outras. Animado e inanimado, barro e sopro, peso e suspensão flutuante. Margens, bordas, imensidão.

A palavra em análise é muito concreta, ela produz efeitos físicos, faz algo com o corpo, ela o atinge como um projétil, abala-o. Ergue e destrói.

Melanie Klein foi, depois de Freud, quem, de mais perto, conheceu o tremendo poder da palavra-performance, capaz de acusar, seduzir, dominar, suscitar pânico, vigiar e punir. As crianças conhecem bem este poder mágico de sedução, que refresca e também pode incendiar. Une as partes dilaceradas da ferida com doçura e é capaz de separar e isolar de modo cortante, os que se amam. Às vezes aquece, às vezes ilumina sem muito calor. Pode embalar e matar, ferir e curar, sangrar e tirar a sede. Autoriza, desautoriza, manda, submete.

A palavra de demanda e de angústia em análise é imperativa, ela não aceita demora, “a imposição do primitivo, gerador de uma espécie

de angústia sagrada é aquela do silêncio. E, por vezes, a intenção da interpretação aí chega em uma palavra” (Fédida, p. 46). O primitivo exige um contato direto, como um “relâmpago cifrado, que decifrado, nada mais existe”.

“Em poucas palavras: digamos que o primitivo exigiria o contato imediato com a materialidade da coisa, e, para isto, deveria se abster do recurso ao pensamento do proces-

“

As crianças  
conhecem  
bem esse  
poder mágico  
de sedução,  
que refresca e  
também pode  
incendiar.

”

so [...]. O primitivo é inatural e não é de maneira alguma historicizável” (Fédida, p. 46).

O inatural (sinônimo do infantil) é também o primitivo, não porque tenha vindo antes do tempo histórico, mas porque permanece sempre como o impronunciável das trocas entre pessoas: mundo de imagens flamejantes cuja existência, atrás dos signos pode torná-los muito mais precisos, pode abrir

(ou fechar) as infinitas possibilidades disseminantes da palavra.

Freud, ao inventar o seu estilo de interpretar sonhos, descobriu a riqueza metafórica da própria língua, capaz, antes de nós mesmos, de sonhar. Investigou, por exemplo, a relação subterrânea existente entre os sentidos contrários, por exemplo, das palavras alto e baixo: o deslizar invisível de um para outro, o germe de um dos significados implantado no outro, como para torná-lo mais nítido, rasgando-o. Deslocamentos e condensações agitam os bastidores da língua bem ordenada revelando a existência do inatural, sob o tecido esticado dos pensamentos comuns. Desde sempre, e para sempre irreduzível, o primitivo não consegue nunca passar. Seu poder de autometamorfose é o que nos salva da certeza da morte e da destruição daquilo que nos é mais caro. ■

## REFERÊNCIAS E NOTAS

- [J. F.]  
P. Fédida, *Clínica psicanalítica*, São Paulo, Escuta, 1988.  
P. Fédida, *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978.  
P. Fédida, *Depressão*, Paris, Escuta, 1999.
- [M. A. K. A.]  
Fédida, P., *Nome, figura e memória*, São Paulo, Escuta, 1992.  
Ponge, F. *O partido das coisas*, São Paulo, Iluminuras, 2000.  
Vernant, J. P., *O universo, os deuses, os homens*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- [E. M. U. C.]  
1. P. Fédida, *Par où commence le corps humain – retour sur la régression*, Petite Bibliothèque de Psychanalyse, Presse Universitaires de France, 2e. édition, 2001.  
2. Trechos do poema em questão estarão transcritos em itálico.